
A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

The invention of the self through the patchwork methodology as research training at university

Camila Alves dos Santos
Andrea Abreu Astigarraga
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Sobral-Brasil

Resumo

Neste artigo objetiva-se refletir sobre a constituição do sujeito em processo contínuo de formação, através de análises crítico-reflexivas de seu percurso pessoal-formativo inicial. Com ótica (auto)biográfica e a metodologia da Colcha de Retalhos, a pesquisa qualitativa embasou-se em Josso (2006/2008), Berkenbrock-Rosito (2009), Bertaux (2005), entre outros. O incentivo à escrita deste artigo surgiu do envolvimento acadêmico na disciplina de Pesquisa (auto)biográfica, com o interesse sendo aprofundado na monitoria e na iniciação científica, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, entre 2021 e 2022. Enfatiza-se a importância da pesquisa (auto)biográfica e propõe-se que mais estudos sobre percursos com essa abordagem teórica-metodológica sejam realizados no âmbito universitário. Pois, foi na universidade eu me consolidei como poeta, fiz amigos, me descobri uma escritora-pesquisadora. Lembrei de momentos pessoais difíceis e consegui superá-los através do exercício da reflexão crítica. Me fortaleci como pessoa e como profissional da educação.

Palavras-chave: (Auto)biografia; Percurso; Formação.

Abstract

The aim of this article was to analyze the formative experience and the continuous process of professional development by critically and reflexively analyzing the beginning of the personal and academic trajectory. The research with an (auto)biographical approach was based on the patchwork methodology and on Josso (2006/2008), Berkenbrock-Rosito (2009), Bertaux (2005), among other authors. The idea for the article was developed during the course (Auto)biographical Research in Pedagogy, which was further developed during a TA position and scientific initiation, at the State University Vale do Acaraú between 2021 and 2022. (Auto)biographical research is important and further studies should be conducted in higher education using this methodological approach. During my years in college, I became a poet, made friends, and I developed my writing and research talents. I recall that all the difficult moments were overcome through critical reflective practice that have contributed to my personal and professional development.

Keywords: (Auto)biography; Trajectory; Training.

A invenção de si: a transformação da incerteza ao tornar-se um ser

Introduzo este artigo trazendo um poema autoral que traz em seu corpo questões que fiz e faço constantemente. Estou confirmando, portanto, o processo contínuo de construção do eu – ao qual assinalo como ponto-chave dessa reflexão – que não se finda e não possui respostas prontas e imediatas. Contudo, encontrar respostas não é o objetivo principal.

Meu quarto, meu retrato (meu reflexo?) / os livros e roupas espalhados pelos cantos / e a poeira que insiste em permanecer. / quem vê a bagunça e o espaço apertado, consegue me ver? / quem se arriscaria? / e se não encaro meu verdadeiro eu (quem sou?), / como posso julgar quem não se atreveu? / posso ser polida? / posso permitir tentativas? / minhas súplicas podem ser ouvidas? (Grito?) / minhas roupas ainda me vestem como antes? / minha vaidade já não me é o bastante? / por que me sinto despida diante de multidões? / é na incerteza de ser que não me permito ser? / ou é na certeza do que não sou? / (e quem sou?)

Como escrever sobre si com consciência de que suas particularidades estão fundidas de pluralidades? Ao pensar sobre esta pergunta, tendo em vista o caráter de autorreflexão dessa pesquisa, não posso deixar de trazer memórias de pessoas e lugares, e o quanto, ao seu modo, cada ser e ambiente me nutriu de sensações e aprendizados em diferentes espaços temporais, traçando gradativamente quem fui, quem sou e quem posso ainda vir a ser.

Ao iniciar o processo de escrita da minha (auto)biografia, por exemplo, eu me questioneei: por que aprender sobre mim é tão importante? Ainda estava no início da disciplina e não tinha noção da dimensão da importância do autoconhecimento para minha formação e do caráter plural que permeia nossas experiências. Se conhecer permite, além do aprendizado e autonomia sobre si, o aprendizado sobre o outro, a compreensão e empatia necessária para quem – como pedagoga – vai trabalhar com pessoas e precisa construir laços, em um processo educativo humanizado.

Portanto, este artigo tem como objetivo refletir sobre a constituição do sujeito em processo contínuo de formação, através de análises crítico-reflexivas do seu percurso pessoal-formativo inicial. Assim como, relatar e analisar o meu percurso (auto)biográfico pessoal e acadêmico realizado na disciplina de Pesquisa (auto)biográfica, na monitoria e na bolsa de

iniciação científica, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, entre 2021 e 2022. Dito de outra maneira, conforme afirmam Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1258), é sobre meu eu como um “[...] sujeito existencial, percebendo-se como ser humano, capaz de compor e entender sua visão de mundo na própria história de vida”. Logo, no anseio de superação, motivação, ressignificação e formação integral, busco justificar aquilo que me proponho ao relatar experiências de vida.

O interesse pela temática surgiu durante a disciplina optativa de Pesquisa (auto)biográfica, da qual participei, no período de 2021.1, no curso de pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. A partir desta disciplina, conheci a metodologia da Colcha de Retalhos, desenvolvida e utilizada por Berkenbrock-Rosito (2009) e que passou por uma adaptação pela professora orientadora durante a referida disciplina.

Através dessa metodologia, fui capaz de desenvolver melhor minha narrativa (auto)biográfica e compreendê-la como um processo realizado por etapas que facilitam não só sua estruturação, mas também a própria ação reflexiva que esta orienta naquele que a produz. Sobre a metodologia supracitada e a forma como ela foi ministrada na disciplina, explicarei melhor mais adiante no tópico referente à metodologia.

Dentre os contratempos e contentamentos que impactam minha (auto)biografia, pontuo a exploração e descoberta de si, refletindo sobre o passado e buscando fortalecer minha formação pessoal e socioeducativa, no tempo presente, promovendo reflexões defronte à concepção do ser singular-plural de Josso (2008), além da utilização de autores como Berkenbrock-Rosito (2009) e Passeggi (2011), que passaram a compor o referencial teórico deste artigo. Assim, este artigo estrutura-se a partir desta introdução; o referencial teórico, trazendo alguns conceitos de autores já citados neste parágrafo; a metodologia; um resgate do meu percurso pessoal-formativo e as considerações finais.

Pesquisa-formação na licenciatura em pedagogia

Para a construção da nossa própria identidade docente, a (auto)biografia é essencial pois traz um resgate de memórias, possibilitando relatos de vida, levando em consideração contextos sócio-históricos que permeiam nosso percurso, bem como influências culturais nos âmbitos nacional e internacional. “Trata-se de uma releitura de mundo, possível através do trabalho de biografizar-se. É o processo de olhar para a história pessoal e particular e ter a oportunidade de ressignificá-la.” (BERKENBROCK-ROSITO; SOUZA, 2020, p. 1271).

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

Delory-Momberger (2008) indica a perspectiva do conceito de (auto)biografar-se para o contexto de formação acadêmica, evidenciando a importância desse processo na trajetória de formação dos acadêmicos. Nesse sentido, traz “[...] a possibilidade de fazer uma experiência de si reflexiva, na perspectiva do aperfeiçoamento e da completude do ser pessoal”. (DELORY- MOMBERGER, 2008, p. 45 apud SOUZA; AUTOR; CAVALCANTE, 2020, p. 7).

O indivíduo – como Bueno et al. destacam (2006, p. 392) – está “[...] fortemente inscrito em uma realidade sociohistórica, ela própria cambiante e instável.” Nessa perspectiva de caráter subjetivo, os relatos de vida dão-se forma partindo também dessas mudanças referentes à história de uma sociedade. Além do mais, tais mudanças acabam por nos delinear enquanto sujeitos pertencentes a esta sociedade, em seus dados espaços e tempos, o que, por sua vez, contribui para a definição de nossos percursos particulares e também profissionais.

Para Bertaux (2005), um relato de vida conta a história de uma vida e, no decurso de acontecimentos que permeiam essa história, o autor denomina o que ele vai chamar de *columna vertebral*. Esta, por sua vez, representa a linha de uma vida: “Esta línea no se puede equiparar a una recta o a una curva armoniosa, como parece indicar el término utilizado a veces de «trayectoria».” (BERTAUX, 2005, p. 38). Pensando nisso, o referido autor também traz um conceito acerca de percurso biográfico, a qual adotei:

O percurso inclui não só a sucessão das situações objetivas do sujeito, mas também a maneira como *ele as viveu*, quer dizer, percebeu, avaliou e *agiu* no momento; o mesmo ocorre com os acontecimentos de seu percurso. A realidade psíquica e semântica (significado) constituída por aquilo que o sujeito sabe e pensa, retrospectivamente, de seu percurso biográfico resulta da totalização subjetiva que o sujeito faz de suas experiências até então (BERTAUX, 2010, p. 104.)

Em entrevista concedida a Costa e Santos (2020, p. 327), o sociólogo pontua sua visão da sociedade como “[...] um organismo vivo construído em torno de uma relação de classe intrinsecamente *em tensão* [...] um organismo dotado, além disso, como afirma Anthony Giddens (2003), de *reflexividade*: de uma capacidade de refletir sobre si mesmo.” (Grifos do autor).

Esta reflexividade, expressa por Giddens e assinalada por Bertaux, traz uma representação tangível e corrobora – na minha perspectiva – para enfatizar a importância dos relatos ou das metodologias de abordagem (auto)biográfica. Isso porque o percurso

biográfico narrativo é composto por reflexões que o sujeito (eu) faz sobre as situações vividas, sobre as relações interpessoais, sobre o mundo (sociedades e suas culturas), mas principalmente sobre si mesmo.

Lima (2019, p. 243) enfatiza que “A relação das conexões no transcurso de uma vida fica gravada em sua memória e é a memória o elemento constitutivo de toda a história.” Com esse propósito, como forte dispositivo para esquadrihar as reflexões acerca do meu eu em formação, a narrativa (auto)biográfica, auxiliou na organização desses relatos subjetivos-reflexivos e também repletos de interpessoalidade. Passeggi (2011, p. 15), conclui que: “Essa focalização no indivíduo e em sua trajetória caracteriza a sociedade atual como uma *sociedade biográfica*.” (grifos da autora)

Josso (2006, p. 380), ao tratar sobre o “ser de atenção consciente”, explana que este é “[...] a segunda dimensão indispensável ao nosso ser-no-mundo como vir a ser. Sem essa dimensão, nenhum desenvolvimento é possível, nenhuma percepção de si é possível e, portanto, nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si.”. Na ação de narrar e refletir sobre essa narrativa, reflete-se sobre si e a reflexão sobre si pode implicar no autoconhecimento; caso não, ao menos oportunizar espaços para ressignificações.

Na entrevista concedida à Costa e Santos (2020), em uma das críticas, Bertaux explica a diferença da descrição etnográfica de um ambiente e a narrativa, pois esta envolve os sujeitos implicados diretamente na experiência.

Eu li muitos artigos de sociologia que descreviam uma pesquisa etnográfica sociológica baseada na observação direta. Por exemplo, os sociólogos com orientação “interacionista simbólica” trabalham assim. Eles descrevem bem a *organização* – por exemplo, a da sala de um grande restaurante ou a das suas cozinhas –, e isso é muito interessante. Mas nós não aprendemos nada sobre os homens e mulheres que trabalham lá todas as noites. De onde eles vêm? Qual é a sua história, quais são suas histórias pessoais? Não saberemos nada. Eles poderiam ser robôs. (COSTA; SANTOS, 2020, p. 331, grifos do autor)

Diante do exposto, encaminhando o raciocínio do autor e colocando o professor como exemplificação, a crítica ainda é válida, posto que compreender o funcionamento de uma sala de aula ou de uma instituição que envolve a ação docente não nos revela quem é o professor por trás dessas ações docentes. Compreender o espaço não é o mesmo que compreender quem está por trás dele, por isso se faz necessário o conhecimento de si e a oportunidade de narrar suas histórias.

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

De acordo com Lima (2015), “[...] as pesquisas acerca das histórias de vida na formação de professores apostam no potencial da escrita de si para a compreensão dos processos de formação dos sujeitos” (LIMA, 2015, p. 26 *apud* NASCIMENTO; ASTIGARRAGA; MENEZES, 2020, p. 197). Nesse sentido, quando o professor se compreende enquanto sujeito que passou por experiências que contribuíram para sua identidade profissional, pode descobrir novas alternativas e condutas, com o intuito de reconstruir a sua *práxis* docente.

Com essa compreensão, faz-se necessário ressaltar a importância dos conhecimentos prévios que adquirimos nos diversos contextos em que participamos e a sintonização emocional com os educandos, para que, no nosso processo de formação continuada e enquanto mediadores de outras formações, respeitemos os saberes predecessores de outrem. Assim sugere Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1257): “A possibilidade de escolha está em o que revelar e o que guardar para si, abre-se espaço que envolvem a sua criatividade, considerando no exercício da prática docente o conhecimento de mundo que o discente traz”.

É importante evidenciar que, na narrativa (auto)biográfica, existe o caráter plural – aquele marcado pelas vivências e relações interpessoais que se estabelecem durante o percurso de vida do autor protagonista. Nesta mesma lógica, Josso (2008) defende a ideia de uma existencialidade evolutiva singular-plural. De acordo com a autora:

[...] o estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem tendo em vista a elaboração de uma concepção de formação experiencial efetua-se a partir da construção do relato da história de sua formação mediante a narração das experiências com as quais o autor / ator aprendeu mediante seu modo de operar escolhas, de se situar em seus vínculos e de definir seus interesses, nas valorizações e aspirações. A existencialidade é assim aproximada em sua tessitura, perfeitamente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada. É por isso que em nossas pesquisas com os relatos de formação emprego, freqüentemente, a expressão de nossa existência singular-plural. (JOSSO, 2008, p. 11)

Josso (2008), ao abordar sobre o que denomina invenção de si, assume que essa existencialidade favorece ao indivíduo a descoberta de sua singularidade, o que é possível quando se vivencia experiências cotidianas embebidas de pluralidades e não somente de singularidades, pois:

[...] a invenção de si pode tornar-se uma das formas assumidas pela posição existencial da intencionalidade que se abre ao cotidiano e não somente em situações e contextos particulares. Ela diz respeito a todas as esferas da nossa

existência, desde as roupas que escolhemos usar até os pratos que inventamos, passando pela organização de nossos horários de férias e a escolha do lugar, a escolha de nossas leituras, filmes, exposições etc. Todas essas pequenas liberdades que se inscrevem, certamente, em restrições subjacentes como as finanças disponíveis, as negociações familiares, as ofertas de alojamentos, de lazer, de atividades culturais são marcadores da invenção de si no singular-plural. (JOSSO, 2008, p. 18)

A invenção de si no singular-plural possibilita – como a própria autora pontua – pequenas liberdades. Com essas, podemos dar novos significados às experiências passadas, concentrar-se nas presentes; e melhor: compor as experiências futuras, sem deixar de considerar as nossas convicções, levando em conta a dimensão ética que permeia nossa história. Contudo, é preciso estar disposto às possíveis modificações e transformações de si, do outro e do mundo, que eventualmente dão forma a nossa identidade pessoal e profissional.

A cinebiografia como motivação estética-formativa na universidade

Quando se pensa em (auto)biografia ou em pesquisa (auto)biográfica, pensa-se em narrativas de vida; narrativas estas que são relatadas – por meio oral, escrito ou diferentes meios artísticos – pelo próprio indivíduo. Embora ficcional, o filme *Colcha de Retalhos* é um ótimo exemplo de como essa temática pode ser trabalhada na sala de aula ou na universidade, uma vez que mostra o quanto é importante cada instante de nossa vida no processo de construção da nossa história. Como ressalta Delory-Momberger (2016) em seu artigo sobre pesquisa biográfica:

[...] o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega ao fim, em uma sucessão, uma acumulação, uma sobreposição indefinida de episódios e de peripécias, de provações e de experiências. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136)

Tecendo narrativas de experiências vividas por um grupo de mulheres – amigas há anos –, o filme *Colcha de Retalhos* (*How to Make an American Quilt*, 1995), assistido durante a disciplina de Pesquisa (Auto)biográfica, traz, na sua trama, perspectivas que as personagens têm sobre si e sobre os outros (amigas e demais personagens que são apresentados no decorrer do enredo). Além de permitir reflexões e discussões acerca de princípios morais, abordando temáticas presentes na vida de praticamente todos os seres humanos, como amor, traições, perdão e resiliência, possibilita também maior identificação do telespectador com as histórias de vida das personagens, que, embora tenham suas

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

particularidades, possuem traços e situações que se assemelham a algumas já vividas por nós. É o que Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1257) vai chamar de “singularidade das histórias construídas no coletivo”.

Por isso é tão importante ressaltar esse aspecto coletivo que existe nas nossas experiências e que nos formam, pois, ainda de acordo com Berkenbrock-Rosito (2009, p. 491), “A fonte da autoria não decifra todo o enigma. A história não acaba nunca. Ao contar, vou me desvelando a mim mesma e ao outro”. Trazendo essa reflexão para o longa-metragem, ao confeccionar a colcha de retalhos como presente de aniversário para Finn, as demais mulheres – incluindo sua avó e tia-avó – costuram lembranças. Contribuindo com o diálogo, Berkenbrock-Rosito (2009, p. 495) ressalta que “Tecer imagens em retalhos ajuda a puxar o fio da memória e acionar um caminho de retorno.”

O tema da colcha foi “Onde reside o amor”; e, a partir das lembranças de experiências amorosas e do entendimento que cada uma tinha sobre o amor, elas iam personificando-o, através de desenhos costurados nos retalhos. Ao fim, os costuraram, lado a lado e montaram a colcha - o produto final.

Salienta-se, portanto, a arte como representação (auto)biográfica, que “[...] faz emergir do processo criativo o extraordinário do homem ordinário.” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 498). Para além do amor como ideia central, o filme ilustra sonhos, lutas, perdão, sofrimento, amadurecimento, dor e resiliência de diferentes pessoas em diferentes espaços e tempos. Notoriamente, essas histórias subjetivas, causam impacto na vida da protagonista Finn, na sua forma de encarar as situações que enfrenta no momento presente, como a insegurança em relação ao seu casamento, a necessidade de se sentir livre e a constante mudança - por insatisfação - da temática de sua tese de doutoramento que narra as histórias das mulheres que viviam no mesmo bairro e tinham as vidas entrecruzadas.

O mergulho, na piscina, da personagem idosa Sofia – uma jovem nadadora que se tornou uma mulher amargurada por um casamento infeliz – simboliza a necessidade de mergulhar em nós mesmos, reconciliando-nos com nossa própria história, “[...] ir à fonte de onde jorra e ilumina a autoria.” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 491). É um desfecho poético para uma obra que é inteiramente permeada de delicadeza e inspiração.

Diante do exposto, reitero com o que diz Berkenbrock-Rosito (2009, p. 497, grifos da autora): “A narrativa (auto)biográfica abre inúmeros “sentidos” e espaços em que habita o ser poético, presente-escondido na formação de adultos, revelando características peculiares como conscientização, libertação, intersubjetividade e abertura”. E ainda o que expressa Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1257), ao caracterizar a narrativa (auto)biográfica como valor estético: “A narrativa (auto)biográfica é refletida como dimensão estética por meio de um diálogo entre sensível e razão, vestígios primeiros constituintes da trajetória existencial, na relação tempo e espaço.”.

Percurso metodológico: a colcha de retalhos como pesquisa formação e a valorização do sentido da vida pautado em experiências artesanais na universidade

A metodologia da Colcha de Retalhos foi desenvolvida por Berkenbrock-Rosito, que se fundamentou “[...] na concepção de que o desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos se dá por meio da narrativa e da reflexão acerca da dimensão estética de sua trajetória formativa” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 1260). Para essa autora, essa metodologia se dá em três dimensões:

- 1ª dimensão (escrita): Na primeira etapa, os participantes descrevem três momentos marcantes vividos durante a educação básica, refletindo sobre sua relação com o conhecimento a partir de perguntas estratégicas. Na segunda etapa, elaboram o quadro “Linha da Vida”, fazendo um mapeamento dos momentos charneiras. Na terceira etapa, o filme Colcha de Retalhos (*How to make an American quilt*) é assistido;
- 2ª dimensão (pictórica): os participantes buscam imagens e metáforas no que escreveram para confeccionar seu retalho individual e, ao fim, montar uma colcha (produto final único);
- 3ª dimensão (oral): os participantes contam suas histórias e escutam as dos demais. É nessa dimensão que se faz a costura e apreciação coletiva da colcha.

Na disciplina de Pesquisa (auto)biográfica, a professora orientadora fez uma adaptação dessa metodologia, revertendo a ordem de algumas etapas. Ela procedeu da seguinte forma: inicialmente assistimos uma palestra com a professora Margarete Berkenbrock-Rosito, onde ela expõe o seu processo de criação do dispositivo teórico-metodológico da Colcha de Retalhos e depois assistimos ao filme (1ª etapa), em seguida

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

houve diálogos para saber o que achamos do filme e quais metáforas identificadas podíamos correlacionar a nossa história de vida e possivelmente usar como inspiração nas nossas narrativas (auto)biográficas (2ª etapa). Depois desses diálogos, solicitou-se que começássemos a escrita da nossa história de vida (3ª etapa) para entregar e apresentar ao final da disciplina. Ou seja, foi um processo realizado ao longo da disciplina, com a intenção de que cada um tivesse um tempo considerável para escrever, além de dialogar com os autores referentes à temática que fomos lendo ao longo da disciplina, antes de entregar o texto final.

As dimensões – pictórica e oral – também ocorreram ao final da disciplina, sendo que cada discente produziu seu retalho e não costuramos os retalhos para fazer uma colcha de tecidos convencional. Mas, uma colcha virtual utilizando um aplicativo, já que, devido à COVID-19, as aulas ainda ocorriam em modelo remoto. Ao apresentar o seu retalho, os acadêmicos contavam suas histórias de vida. Esse processo é importante, pois, de acordo com Berkenbrock-Rosito (2009, p. 488), “A história tecida em retalhos é um convite para adentrar no mundo do imaginário, habitar o mundo das incertezas, a epifania de um mistério, a coisa fora do ato da percepção.”

Figura 1: Retalho individual: dimensão pictórica



Fonte: Retalho produzido pela pesquisadora durante a disciplina (novembro de 2021)

No início da disciplina, a professora solicitou que pensássemos na confecção do nosso retalho. Devido ao afastamento social por causa da COVID-19, nem todos(as) alunos(as) tinham tecidos em casa para confeccionar um retalho de pano. Então, a

professora orientou que utilizássemos materiais alternativos que tivéssemos disponíveis em nossa casa, tais como E.V.A. e/ou desenhos em papel. Portanto, o processo de construção do meu retalho se deu de duas formas: costurando algumas peças e colando outras, utilizando-se de diferentes materiais. Como plano de fundo, escolhi uma calça jeans antiga que recortei, e os outros elementos que compõem o retalho (Figura 1) foram pensados como símbolos que me representassem em questão de gostos e percepções sobre a vida.

O laço com fitas no canto superior esquerdo serviu para simbolizar minha percepção atual sobre a vida: por muitos anos, diante de tudo que passei, eu não enxergava a vida como um presente. As dores e dificuldades enfrentadas pareciam ser o resumo do viver. O resgate de minhas memórias, ao confeccionar o retalho e escrever a (auto)biografia, fez-me perceber as coisas boas que a vida me proporcionou: as oportunidades, os vínculos afetivos e as pequenas metas alcançadas – presentes significativos no meu percurso.

A imagem dos livros foi como uma representação da minha paixão pela leitura, pela literatura e pela escrita, advinda da minha infância. Com o passar do tempo, houve encontros e desencontros com essa minha paixão, mas ela sempre fez parte de mim. A pergunta em inglês destacada no canto superior direito, em tradução literal, quer dizer: “Por que eu deveria aprender isso?”. Este é um questionamento que se perpetua em praticamente tudo que faço.

Na caixinha há dois polos opostos: à esquerda, recortei um pedaço de uma camisa preta que era estampada com corações brancos, costurei uma extremidade e a outra usando dois botões pretos, cortei o tecido ao meio e dei um nó. Todos esses procedimentos foram para representar os laços afetivos que não foram bons na minha vida, laços que me aprisionavam e aprisionavam as pessoas ao meu redor. À direita há um coração cintilante que foi feito com E.V.A e coberto de *glitter* – eu poderia ter usado cola nele, mas preferi costurá-lo, pois simboliza as boas relações afetivas, aquelas que precisam ser realmente cultivadas e valorizadas.

A ideia da caixinha – que eu nomeei de caixinha da vida – foi colocar dentro dela palavras-chaves: educação, formação, resiliência, amores etc., relacionadas com a minha história de vida. Por fim, a imagem da mão segurando um globo foi para simbolizar a ideia de que “eu tenho um mundo em minhas mãos”. Essa foi feita pensando na esperança de que há um mundo de possibilidades a ser explorado, e que, a cada novas experiências, eu

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

posso amadurecer pessoal e profissionalmente. O bolso – sobre o qual todos esses pequenos artefatos se encontram – simboliza a minha bagagem histórica, pessoal e formativa: todos os conhecimentos adquiridos, os momentos charneiras (marcantes), que me acompanharam durante a “viagem”, durante o percurso nesse processo de autodescoberta.

Meu percurso pessoal e formativo na educação infantil e anos iniciais

Aos seis anos, recordo-me vagamente da primeira vez que consegui ler um texto presente em um livro. Saí saltitante pela casa gritando que sabia ler. Não me lembro do livro ou do que ele dizia, mas me lembro da felicidade que senti. Parecia que tinha acabado de ganhar um presente que desejei por muito tempo.

Somente nessa idade, comecei a frequentar instituições formais de ensino, passando pela creche, onde experimentei a sensação angustiante de não pertencimento até de fato me acostumar com o novo ambiente e o medo do abandono, por não ter ainda a noção de temporalidade. Costumava chorar sempre que minha mãe ia me deixar e me escondia debaixo de uma das mesas da sala até o retorno dela.

Posteriormente, iniciei na Coronel Francisco Aguiar, onde estudei, até os 13 anos, praticamente o decorrer de toda minha trajetória na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. A mudança para outra instituição só ocorreu a partir da 8ª série (9º ano), quando a escola de Ensino Médio Israel Leocádio de Vasconcelos ainda abarcava esse último ano do fundamental II. Foi nela que permaneci até concluir o Ensino Médio e conseguir aprovação em 9º lugar no vestibular de 2015.1 da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) para o curso de Pedagogia (licenciatura). Fui a primeira da família a ingressar no ensino superior. Para meus pais, que nunca chegaram a concluir o ensino fundamental e mal sabem ler e escrever, foi um grande motivo de orgulho.

Na educação infantil, algumas situações me marcaram positiva e negativamente, o que desencadeou em mim receios que carrego comigo até hoje. Por ser tímida e introvertida, minhas relações interpessoais e socioemocionais eram (e ainda são) difíceis de serem estabelecidas plenamente.

Uma de minhas lembranças mais dolorosas foi de receber de determinada professora – que já me causava medo, em consequência de sua conduta em sala de aula – um puxão de orelha em frente a turma. Não lembro ao certo quantos anos tinha na época, mas até hoje

lembro das sensações que tive: medo, dor e vergonha. Esse acontecimento instaurou em mim o receio de me expressar nos anos futuros. Um puxão de orelha quase arrancou de mim minha autonomia.

Permiti que esse acontecimento caminhasse comigo durante todo meu percurso. Até hoje, recordá-lo me deixa mal e parte das exigências quanto ao meu rendimento e comportamento, enquanto acadêmica, advêm desse medo dos “puxões de orelha” que eventualmente podem ocorrer no decurso de minha graduação.

Não obstante, quando passei a compreender a importância que os estudos tinham e que eles poderiam me proporcionar uma melhoria – se não significativa, ao menos satisfatória – de vida, comecei a me cobrar e a me dedicar mais. Dessa forma, estive mais empenhada em alcançar os sonhos e aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita que o meu eu criança tanto almejava e apreciava, pois percebo-me em trechos e traços de cada coisa que leio e/ou vejo, ainda que não recorde de tudo que já li e vi. Sobre este aspecto, Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1258) chamam atenção para o fato de que:

“[...] o sensível emerge por meio do arrebatamento ou sensação de epifania, tudo que nos atinge, nos afeta, sem pedir permissão, que se manifesta pelo gosto ou não gosto, sobre o que lemos, vemos, ouvimos, tocamos, contemplamos e como reagimos, ora com paixão, ora com repulsa ou desinteresse”. (BERKENBROCK-ROSITO; SOUZA, 2020, p. 1258)

Contudo, nunca recebi muito incentivo no ambiente familiar e, salvo alguns professores que realizavam práticas de leituras conjuntas, nas quais uma criança com melhor habilidade ajudava um coleguinha no seu processo de aprendizagem, não havia também muito estímulo por parte dos docentes. Lembro que já cheguei a imitar a caligrafia de professoras, porque, do meu ponto de vista daquela época, jamais conseguiria criar a minha por conta própria.

Ademais, o medo ainda me impedia de tentar e arquitetar novas possibilidades; de, como declara Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1277), “[...] ir para além das leituras técnicas para favorecer a leitura do mundo, do contexto e desta maneira permitir que o sujeito se coloque como alguém que atua e não somente compõe o cenário”.

Todos meus professores, mesmo aqueles que, de alguma forma, me marcaram negativamente, sempre elogiaram meu desempenho, ressaltando que eu lia e escrevia bem, e que apresentava facilidade em aprender. Porém, minha maior dificuldade estava nas

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

relações interpessoais. Por não conseguir socializar normalmente, acabava me isolando ou não participando de forma efetiva dos eventos que aconteciam na escola, e que seriam enriquecedores para meu processo de emancipação e formação educacional.

Não posso deixar de salientar aqui acontecimentos propícios à minha formação estudantil, dos quais tenho muito orgulho, pois serviram de incentivo para prosseguir com meus estudos e me aprimorar. Em maio de 2009, recebi certificado de Menção Honrosa na 4ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), uma dentre três outras colegas de turma. Lembrar do reconhecimento que obtive nesse dia, me dá forças e esperança para acreditar que eu sou capaz de muito mais, basta que me esforce – E que a matemática não é o bicho de sete-cabeças que pregam por aí!

Meu percurso pessoal e formativo no ensino médio

No ensino médio, embora eu não fosse o tipo de aluna que sempre levantava a mão para fazer perguntas ou participasse tanto das aulas quanto deveria, era considerada sempre uma das melhores da turma por apresentar boas notas e bom comportamento – aqui os professores denominavam ficar calada e cumprir com todas as atividades propostas como bom comportamento. Só após ingressar na universidade, percebi o quanto ser comunicativa durante o ensino médio teria me ajudado a ser uma melhor acadêmica, mais participativa e proativa no ensino superior, verdadeiramente exercendo um bom desempenho acadêmico.

Ainda no ensino médio, obtive algumas conquistas, como ser premiada com notebooks através de avaliações como a do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – minhas redações no referido exame já variaram entre 500 pontos e 940 pontos. Em dezembro de 2011, concluí meu primeiro curso básico de informática através do Projeto Teia Digital, realizado pela Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de Sobral, em parceria com o Instituto de Comunicação e Informática.

Em dezembro de 2014, participei, no Centro de Educação a Distância do Ceará, do Curso Semipresencial de Práticas Laboratoriais de Biologia para Estudantes das Escolas Públicas da Rede Estadual do Governo do Estado do Ceará, promovido pela Universidade Federal do Ceará, através do Instituto UFC Virtual, em parceria com o Governo do Estado do Ceará, por meio da Secretaria de Educação (SEDUC). Foi a primeira vez que tive contato com

um laboratório daquele porte e com uma didática tão fluída relativa a uma disciplina em que eu sempre apresentei dificuldade.

Dos educadores que fizeram parte da minha trajetória educativa nessas etapas, a professora Aurora¹ mostrou-me o quão transformador é o poder do afeto; Esmeralda me ajudou a desenvolver habilidades e competências; Liz me deu um ombro fraternal para se apoiar e desabafar as dores juvenis, me fez amadurecer e lembrar de não ultrapassar limites quando estes não iriam me favorecer; e o professor Joel contribuiu para meu aprendizado e admiração pela Filosofia, incentivou meu gosto pela leitura e escrita e propiciou a obtenção da consciência crítica necessária à construção da minha autonomia. Condizente a essas memórias, Berkenbrock-Rosito (2009) vai dizer que:

Nessas vivências se vislumbram possibilidades de construir metodologias não-convencionais de pesquisa e ensino, religar os aspectos das relações sociais, políticas e culturais nas dimensões macro e micro, construir pontes de sentidos entre a experiência do conhecimento científico do mundo interno e externo dos sujeitos, considerar as possibilidades/limites da formação de professores como cidadãos críticos. (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 494)

Essas situações significativas e sujeitos significantes mostram a importância do estudo das particularidades do trabalho docente, tendo em vista a subjetividade do professor para compreender o que o leva a ter definidos comportamentos e para que, no exercício de sua profissão, não acabe por reproduzir as opressões que sofreu enquanto educando. Nesse sentido, Martins (2007, p. 9) pontua que “As características pessoais, as vivências profissionais, as histórias de vida, a construção da identidade etc [...] tornam-se objetos de investigação educacional, que aponta a impropriedade de se estudar o ensino sem se levar em conta a subjetividade do professor”.

É importante também frisar que, de acordo com Berkenbrock-Rosito e Souza (2020, p. 1624): “Relacionando com a constituição da identidade do trabalho docente, podemos ter aquele professor que domina as técnicas em sala, porém não constrói nenhuma relação com o aluno, desconsiderando sua existência, desejos, angústias e anseios”. Ser um professor que se importa com o aspecto tecnicista da profissão, mas não com o caráter humanístico, ao meu ver, não condiz com o verdadeiro propósito da educação.

¹ Todos os nomes citados neste parágrafo são fictícios, para a preservação da identidade dos demais aqui citados.

Meu percurso pessoal e formativo no ensino superior

No que tange minha trajetória no ensino superior, os aprendizados adquiridos no processo foram valiosos. Devido a problemas pessoais, que me afetaram emocionalmente e fisicamente, optei pelo trancamento do curso por quase três anos, mas algumas amizades que fiz nesse percurso me impulsionaram a tentar novamente e, mesmo à distância, a manutenção do contato e o vínculo afetivo desses sujeitos contribuíram para a minha volta ao curso de pedagogia.

Em 2017, quando me encontrava numa fase difícil de indecisão quanto a que caminho trilhar, cheia de angústias e dores, um amigo, grande poeta e escritor Juvenal Arruda, convidou-me a escrever a orelha de seu livro “Escutei dentro de mim” (2016). Ter tamanha responsabilidade e saber que meu nome constaria em uma obra de alguém que sempre admirei me trouxe a mansidão e o contentamento que necessitava para suportar os dias sombrios. Ao autografar meu exemplar, ele me agradeceu por ter aceitado sua proposta, pelas conversas e conselhos, e escolheu a palavra “inefável” para me descrever. E é assim que resumo nossos breves encontros: indescritíveis.

Ao retornar ao curso em 2019, regressei determinada a ir até o fim desta vez, sentindo-me mais pertencente e planejando desenvolver progressivamente as características que me moldam nesse processo contínuo de construção do eu no curso de pedagogia. Neste viés, de acordo com Callai (2005):

Reconhecer, enfim, a sua identidade e o seu pertencimento é fundamental para qualquer um entender-se como sujeito que pode ter, em suas mãos, a definição dos caminhos da sua vida, percebendo os limites que lhe são postos pelo mundo e as possibilidades de produzir as condições para sua vida. (CALLAI, 2005, p. 242)

Em 2022, devido a disciplina de Pesquisa (auto)biográfica, que eu cursara um semestre antes (2021), aproximei-me da professora orientadora, que enxergou em minha escrita potencial e me incentivou a prosseguir nesse caminho. Empolgada com a identificação e apoio, escolhi fazer monitoria na referida disciplina, na qual me senti acolhida e valorizada e por meio da qual, posso dizer, que encontrei uma parte de mim, compreendendo também um pouco sobre o processo da práxis docente.

A monitoria oportunizou, portanto, essa aproximação com a prática docente – um vislumbre necessário – pois, através das orientações da professora, observei como podem ser planejadas e desenvolvidas atividades pedagógicas que aprimoram as habilidades e

competências dos educandos e da monitora. Compreendi mais ainda que se aprende também no exercício da prática docente, com educador e educandos em uma partilha de saberes. Logo, foi uma contribuição significativa para minha formação.

Foi uma experiência desafiante, que exigiu de mim uma postura para além de um olhar observador. Contudo, foi ao mesmo tempo, bastante proveitosa. Percebi a importância de um planejamento flexível e o quanto é importante termos um segundo plano nessas situações. Descobri, juntamente com a turma, novos recursos filmográficos e literários que podem servir de inspiração para trabalhos futuros e, ao ser estimulada a contribuir com os acadêmicos, através de opiniões acerca das apresentações e dos conteúdos abordados, pude repensar e rever conceitos, garantindo novos aprendizados e reflexões, em uma troca recíproca. Detalhes esses que são significativos no exercício da prática docente.

Ainda em 2022, a professora orientadora me convidou para substituir uma bolsista de iniciação científica (I.C) que havia concluído o curso. Então, participei, durante 6 meses, do projeto “Narrativas (auto)biográficas das crianças em espaços escolares sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino-aprendizagem”.

Nesse percurso como bolsista, assisti vídeos gravados pelos acadêmicos/bolsistas anteriores das entrevistas realizadas em campo – Centro de Educação Infantil (CEI) em Sobral. Revi transcrições e fotos, fiz leituras para fomentar o embasamento teórico das análises feitas para os relatórios mensais. Através dessas análises, pude identificar aspectos que servirão de apoio para minha formação profissional, como por exemplo, a compreensão dos dizeres das crianças e a importância de uma escuta sensível no contexto escolar.

Como bolsista principiante e ingressante, quase ao fim da minha graduação, o incentivo que a I.C. trouxe, através do projeto de narrativas (auto)biográficas das crianças, permitiu verificar o decurso acadêmico que se passa ao adentrar em um contexto de pesquisa e contribuiu para o aprimoramento da metodologia qualitativa. Consequentemente, despertou em mim a capacidade de pensar criativamente e mais atentamente sobre o universo infantil e sobre as práticas pedagógicas que precisam ser significativas nesse processo – causas importantes e motivacionais para minha formação acadêmica.

Considerações finais

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

Este artigo teve como objetivo refletir sobre a constituição do sujeito em processo contínuo de formação, através de análises crítico-reflexivas de seu percurso pessoal-formativo inicial, realizado na disciplina de Pesquisa (auto)biográfica, na monitoria e na bolsa de iniciação científica, no curso de pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, no período de 2021.1 e 2022.1.

As percepções a respeito de mim contribuíram para minha formação no âmbito acadêmico e profissional, mas principalmente – e aqui julgo o mais importante – para o meu crescimento pessoal. Diante do exposto, é apoiada nas memórias das minhas vivências que vejo o que ficou, o que aprendi, o que posso fazer para melhorar. Concluo que ficam as minhas aprendizagens e assim é possível perceber as atitudes cotidianas e percepções adquiridas no meu percurso de vida.

É na partilha dos saberes; nos bons relacionamentos afetivos; no amadurecimento da inteligência emocional; na resiliência, aqui compreendida como aquela defendida por Infante (2005, p. 23), que “tenta promover processos que envolvam o indivíduo e seu ambiente social, ajudando-o a superar a adversidade (e o risco), adaptar-se à sociedade e ter melhor qualidade de vida.”

Meu percurso formativo, desde a infância até o ingresso na universidade, me proporcionou diversos aprendizados. O discurso de que “você não entra e sai da universidade do mesmo jeito” é verídico. No curso de pedagogia da UVA, além do aprendizado de técnicas, métodos, teorias que aprimoram nossa ação docente, há o caráter humanizador, que possibilitou enxergar, analisar e descrever meu percurso e os demais percursos que me cercam de forma mais compreensiva.

Portanto, ao finalizar esta pesquisa, concluo que narrar minhas experiências contribuiu para a constituição da minha identidade pessoal, acadêmica e profissional. Dessa forma, sintetizamos esteticamente a nossa história, a partir da utilização de artigos científicos; dos seminários expositivos da turma da disciplina de Pesquisa (Auto)biográfica; dos poemas (autorais e não autorais); da literatura; do filme Colcha de Retalhos e da ideia de criarmos nosso próprio retalho individual. Em outras palavras, como nos lembra Josso (1999, p. 15), integramos a pesquisa acadêmica “[...] à mobilização da subjetividade como modo de produção de saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo

e de construção de sentidos”. Todos esses direcionamentos contribuíram para que o processo de construção da nossa (auto)biografia se tornasse mais dinâmico e fluido.

O incentivo à escrita com viés (auto)biográfico, surgiu do envolvimento acadêmico na disciplina de Pesquisa (auto)biográfica, com o interesse sendo aprofundado na monitoria e na iniciação científica, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, entre 2021 e 2022. Com isso, este artigo teve como objetivo refletir sobre a constituição do sujeito em processo contínuo de formação, através de análises crítico-reflexivas de um percurso pessoal-formativo inicial.

Durante o processo de rememoração que a escrita (auto)biográfica propicia, principalmente através da metodologia da Colcha de Retalhos, têm-se momentos reflexivos, da construção-invenção-reinvenção de si que se faz enquanto sujeito que pensa criticamente sobre suas experiências formativas. Pela narrativa apresentada nas seções que tratam do meu percurso pessoal e formativo, desde a educação infantil até o ensino superior, pode-se observar que há críticas à conduta de alguns docentes, que faz com que se pense a respeito da própria prática, pois, partindo da premissa da “construção de um conhecimento de si”: que tipo de docente você gostaria de ser? Aquele que incentiva e constrói boas relações socio-emocionais com o outro ou aquele que o inibe e o amedronta? As atitudes tomadas em âmbito educacional serão meros reflexos dos docentes que fizeram parte desse percurso pessoal e formativo?

A percepção de que se pode perpetuar tais comportamentos por já tê-los vivenciados, não é nenhuma nova descoberta, mas aquele docente que prontamente o percebe, detém-se naquelas práticas que sabe não serem benéficas a si mesmo e ao outro e, obtém êxito ao permitir-se mudar, quando e se necessário for. Isso ressalta a importância do autoconhecimento para quem está em processo contínuo de formação. Além de evidenciar o caráter da “existencialidade singular-plural” que compõe o sujeito e deve ser reconhecido como existente na constituição da identidade docente, nos diferentes espaços em que se pode atuar, diante das práticas culturais e humanizadas que todo meio educacional proporciona (ou deveria proporcionar).

No meu percurso pessoal formativo, desde a infância à vida adulta, da educação infantil à universidade, foram vários momentos e pessoas charneiras. No entanto, enfatizo a importância da pesquisa (auto)biográfico e propõe-se, que mais estudos sobre percursos

A invenção de si através da metodologia da colcha de retalhos como pesquisa formação na universidade

com essa abordagem teórica-metodológica sejam realizados no âmbito universitário. Pois, foi na universidade eu me consolidei como poeta. Fiz amigos. Me descobri uma escritora-pesquisadora. Lembrei de momentos pessoais difíceis e consegui superá-los através do exercício da reflexão crítica. Me fortaleci como pessoa e como profissional da educação.

Referências

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Do trabalho infantil ao cargo de juiz federal. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, [s. l.], v. Extr., n. 14, p. 51-55, 2015. DOI 10.17979/reipe.2015.0.14.389. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2015.0.14.389>. Acesso em: 15 set. 2022.

ARRUDA, Juvenal. **Escutei dentro de mim**. Rio de Janeiro: Editora Autografia Edição e Comunicação LTDA, 2016.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, v. 34, n. 3, 2009.

_____, M. M.; SOUZA, J. P. P. de. Documento autobiográfico: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 20, n. 66, p. 1255-1279, set. 2020. ISSN 1981-416X. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26983>. Acesso em: 15 set. 2021.

BERTAUX, D. **Los relatos de vida**. Barcelona (ESP): Bellaterra, 2005.

_____, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal, EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BUENO, B. O. et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa** [online]. 2006, v. 32, n. 2 [Acessado 22 Outubro 2021], pp. 385-410. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>>. Epub 21 Nov 2006. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. CEDES** [online]. 2005, vol.25, n.66, pp.227-247. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>.

COSTA, L. R.; SANTOS, Y. G. dos. O “relato de vida” como método das ciências sociais: entrevista com Daniel Bertaux. **Tempo Social** [online], v. 32, n. 1, p. 319-346, maio. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2020.159702>. Acesso em: 4 set. 2022.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016.

HOW TO MAKE AN AMERICAN QUILT. Direção: Jocelyn Moorhouse. Produção: Universal Pictures, Amblin Entertainment. Estados Unidos: Universal Studios, 1995. Netflix (117 min.).

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

_____, M. C. As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural. **Horizontes**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 9-20, jul./dez. 2008.

LIMA, K. A. de. A importância da biografia e da autobiografia para u_____, M. C. As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural. **Horizontes**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 9-20, jul./dez. 2008. ma reflexão das ciências do espírito em Wilhelm Dilthey. **Occursus Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 238-249, jul./dez. 2019.

MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2007.

NASCIMENTO, M. R. O. do; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu ; MENEZES, E. A de O. (Auto)biografia e processos de formação inicial no âmbito do PIBID-UVA. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 10, n. 23, p. 185–216, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1324>. Acesso em: 4 set. 2022.

PASSEGGI, M. C. A pesquisa (auto)biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica In: VASCONCELOS, Fátima; ATEM, Érica. **ALTERidade: o outro como problema**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

SOUZA, E. da S.; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu ; CAVALCANTE; M. M. da S. Fronteira do mundo da vida Anti-Procusto: narrativas (auto)biográficas das (os) universitárias (os) do curso de Pedagogia. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, p. 1-17, set.-dez. 2020.

Sobre as autoras

Camila Alves dos Santos

Graduada em Pedagogia – UVA. E-mail: camialvesantos@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4439-5465>

Andrea Abreu Astigarraga

Pós-Doutora em Educação – UFRN. Professora Adjunta Associada na UVA.
E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9614-1999>

Recebido em: 22/03/2023

Aceito para publicação em: 12/04/2023

R
e
c
e
b
i